

Sentimentos sem barreiras

Ainda era noite fechada, já os militares estavam em posição de combate, dispostos em semicírculo. A mata densa dormia no quase silêncio da vida suspensa.

O romper da manhã despertou vozes humanas, poucas centenas de metros à frente dos canos das espingardas, numa base de guerrilheiros, em Moçambique. Os olhos dos militares procuravam, nos olhos dos camaradas, à direita e à esquerda, remédio para a ansiedade. Na retaguarda, sentia-se a atividade quase surda das transmissões.

Um ronco súbito, rasando a copa das árvores, seguiu os dois aviões de combate que, em manobra síncrona, desapareceram, cada um para seu lado. Dois rebentamentos estremeceram o chão, calaram as vozes e dissolveram a ansiedade. Pouco tardaram novos roncões, novas explosões. Depois, o silêncio fundo e longo.

Os militares, dobrados sobre as espingardas, lançaram o assalto, sem encontrarem resistência. Na base, restava o espanto das portas abertas e, ainda vivos uns, outros já moribundos, atestando a presença humana recente, os olhos de várias fogueiras. E nada mais.

O crescente calor do sol assistiu ao desmantelamento da base Niassa.

Uma bisnaga de leite condensado e as bolachas duras da Manutenção Militar repunham as energias, enquanto a coluna serpenteante iniciava o regresso. O suor nos camuflados, a manga subindo à testa em gestos repetidos, denunciavam a difícil progressão na mata tropical.

Inesperadamente, a coluna parou com um pedido sussurrado: “chamem o nosso Alferes”. Lá na frente, alguns militares rodeavam um vulto negro. Alta, volumosa, mais inchada do que gorda, cabelos grisalhos, uma idosa segurava, com as mãos grossas, um cajado. Duas esferas dilatadas e brancas, em vez de olhos, davam-lhe um ar perturbador. No chão, diversos objetos de aparente uso pessoal, sobre um pano escuro.

“Encontrámos aqui esta velha. O que é que lhe fazemos?”.

“Nada” - respondeu o Alferes, que perguntou: “estava sozinha?”

“Sim, mas não veio até aqui sem ajuda”.

“Que objetos são estes?”.

“Eram a trouxa que trazia à cabeça”.

“Ponham-lhe de novo a trouxa à cabeça e vamos embora”.

“Mata-se a velha...”, “mata-se a velha...”, “mata-se a velha” – eram várias as vozes em surdina.

“Ninguém faz mal à velha!”

“O meu Alferes vai andando que nós encarregamo-nos dela, sem barulho”.

“Sigam em frente, já. É uma ordem!”

Os subordinados obedeceram contrafeitos e o oficial permaneceu junto da idosa senhora. Perguntou-lhe pelo nome. Não obteve qualquer reação. Pôs-lhe a mão sobre as dela e sentiu um breve estremecimento húmido. Apertou-as um pouco, olhou as esferas brancas dos olhos, engoliu um nó triste da garganta e seguiu os seus homens, absorvidos pela floresta.

O caminhar penoso, o calor sufocante, o cantil já leve, (*Mata-se a velha!...*). O cansaço e a pausa para o almoço. A carne afiambrada, as sardinhas em conserva, (*Mata-se a velha!...*) O *Milisssete*, desmoronado de exaustão, recusava comer. Esgotaria ferozmente qualquer cantil, se não lho tirassem violentamente da boca... (*Mata-se a velha!...*). Duas árvores a jeito, um pano de tenda, uma padiola e o *Milisssete* aos ombros dos camaradas (*os olhos brancos e grossos no rosto largo*).

No acampamento, feijão vermelho com massa e chouriço foi o rancho, melhorado com dose dupla de vinho (tripla para os amigos do rancheiro). A noite aconchegou os corpos cansados, meio anestesiados, nos abrigos escavados no chão.

“Nãããã!....” foi o grito que o libertou dos rostos disformes, vociferantes - “mata-se a velha... mata-se a velha... mata-se a velha...”- e pôs em armas todo o acampamento. Não tardaram, inquiridores, o Capitão e o Médico. Que tinha sido um pesadelo. O Capitão soprou de alívio e ordenou que voltassem aos abrigos tranquilamente. O Médico ouviu a história da velha cega, contada em surdina, apertou, com a mão, o ombro do Alferes e ficaram a ouvir o ruído das bagas das árvores, caindo nas folhas secas do chão...

“Obrigado, doutor! O coração já acertou o passo!”

“Tente dormir!” - as costas do Médico dissolveram-se na escuridão.

A imagem da idosa senhora passou a visitar os sonhos do jovem miliciano.

Já a manhã clareava quando, com o braço torcido atrás das costas, a destacaram alguns metros do grupo, que acabava de parar numa clareira da mata. A queda do corpo fulminado precedeu em alguns momentos o estampido do disparo. Outro disparo sobre os rins agitou o corpo prostrado. Dois militares aproximaram-se e esgravataram as feridas, que sangravam.

“Nãããã!” – foi o grito que sobressaltou a Messe de Oficiais.

O Médico viu o horror estampado nos olhos enormes do Alferes, na respiração apressada, na transpiração da testa.

“Sonhei que tinham matado a velha cega. Mas, agora me lembro, a cena era a do “turra” morto pelo sipaio que serviu de guia ao pelotão da companhia anterior, oito dias depois de cá chegarmos. Devia levar-nos a um acampamento dos “turras” e enganou-nos.”

A conversa sussurrada com o Médico, devolveu-lhe a calma para o resto da noite.

As calças do camuflado já estavam secas do matinal cacimbo do capim. Era a pausa para a ração de combate. Dispostos em meia-lua, guardando silêncio obrigatório, cada um fazia pela vida. Inesperadamente a idosa apareceu caminhando num carreiro em direção aos militares sentados no chão. Um deles pegou na espingarda e, quase rastejando, escondeu-se atrás de um tufo de vegetação. A mulher não tardou a chegar ao local da emboscada. Saltou-lhe o militar ao caminho e disparou. O corpo fez uma pirueta macabra, perdendo a trouxa e a vida juntamente.

“Nãããão!”

“Outra vez?” protestaram alguns oficiais estremunhados.

“Parecia-me de novo a velha, mas era aquela mulher ainda jovem que foi morta numa operação que fizemos, lembra-se, doutor?”

“Lembro-me, sim.”

A breve conversa tranquilizadora terminou com a promessa “amanhã falaremos”.

Falaram longamente do sofrimento dos inocentes que todas as guerras provocam; da necessidade de tornar conscientes as situações causadoras do sentimento de culpa, por não se ter feito algo mais para as evitar, enquadrando-as numa lógica de responsabilização da Sociedade e dos dirigentes que não souberam ou não quiseram evitar a guerra; da importância do empenho pessoal em ações altruísticas em favor de pessoas ou grupos desprotegidos ou marginalizados; da hipótese de recorrer aos serviços dos profissionais da saúde, no caso do incómodo do stress pós traumático assim o exigir.

Ao subir as escadas do prédio, o assombro encostou-o à parede e roubou-lhe o ar. A idosa senhora estava parada à sua porta. O corpo volumoso, os cabelos encanecidos, a trouxa à cabeça, a mão grossa apoiada no corrimão, a respiração difícil. Momentos de hesitação... Ela rodou o corpo, permitindo a passagem. Não, os olhos não eram brancos. Eram vivos, no rosto bem negro e largo. Finalmente, ele recuperou o ar e o raciocínio.

“Posso ajudá-la?” - perguntou, apontando para o volume equilibrado na cabeça. Tomou as duas palavras incompreensíveis como assentimento e transportou-lhe as compras do supermercado até ao terceiro andar, morada da única família de africanos do prédio.

“Tenha um bom dia!” - desejou ao descer as escadas, que ela ainda subia, com a respiração difícil. A resposta foi de agradecimento, dada pelos olhos, na linguagem dos sentimentos sem barreiras.

José Monteiro